

22 NOV 1987

Duzentas leis ordinárias

ANC 19

Quem teve a pachorra de avaliar o que é preciso fazer no próximo ano, na fase das leis ordinárias que se seguirá à promulgação da nova Carta, teve um susto: serão necessários aproximadamente duzentas leis para regulamentar e ordenar o que o atual substitutivo da Comissão de Sistematização inscreveu no texto da proposta de Constituição. Somente na ordem econômica, serão pelo menos 42 leis. Na ordem social, trinta e poucas, e assim por diante. O menos pessimista dos observadores, notará que um ano só não vai bastar para que os parlamentares tenham tempo de regulamentar tudo o que o substitutivo pede.

Isso tudo, num ano eleitoral, com eleições presidenciais à vista. Isso tudo, num ano que se antecipa como um dos mais difíceis nas áreas econômica e social. E isso tudo, num contexto de grave situação institucional, com o poder central questionado pela sua falta de autoridade e condições mínimas de governabilidade. Quem irá, então, coordenar o processo de regulamentação das leis ordinárias?

Tudo será jogado nessa próxima terça-feira, quando o "Centrão" tentará aprovar seu projeto de mudança do regimento interno da Constituinte, para permitir a aceleração dos trabalhos. Acusa-se a ala progressista da Constituinte de estar manobrando casuisticamente para impor embaraços e obstáculos à votação. Somente o senador Mário Covas apresentou sete emendas que cheiram a postergações. Outros parlamen-

tares ligados a Covas também cuidaram, segundo denuncia o "Centrão", de apresentar emendas em cascata para adiar ao máximo as votações decisórias. Quanto mais passar o tempo, mais as convicções do "Centrão" irão se abalando e as esquerdas, contando com a pressão das galerias, irão impondo a pressão psicológica para ganhar as paradas ideológicas em plenário.

O fator de conciliação será sempre o deputado Ulysses Guimarães, que volta a Brasília amanhã. Mas já haverá um fator de complicação: ele assumirá nesta terça-feira a Presidência da República. Em caráter interino, embora, Ulysses estará sentado na cadeira presidencial e se sentirá eticamente impedido de manobrar contra o "Centrão" ou de dar espaço à ala progressista do PMDB. Tudo isso significa: maior perspectiva de alongamento dos trabalhos.

A impaciência ronda, entretanto, a área política, tanto quanto as áreas empresarial e militar. Não há mais crédito possível a se conceber em matéria de tempo aos constituintes.

O País viverá, nessa próxima semana, dias decisivos. Tudo passa pelo desempenho político que tiver o "Centrão", já se sabendo, antecipadamente, que seus líderes estão mobilizando os integrantes do movimento para estarem maciçamente em Brasília na terça-feira, mas já não estão encontrando neles a mesma receptividade e solidez de antes: até os mais realistas fogem da sombria realidade.

A.C. SCARTEZINI